

Ataque de valores.

Estas reflexões estão sendo feitas no dia da publicação do relato da comissão de inquerito israeli. A comissão relata eventos. Em seguida julga os motivos de alguns dos atores envolvidos nos eventos. Os eventos relatados passaram, necessariamente, pelo crivo dos valores da comissão julgadora. Porque os valores são os modelos pelos quais dados são captados. Os motivos dos atores e também de determinados valores aos quais os atores estão dedicados. Porque ação e gesto pelo qual um valor é realizado, gesto que faz com que o que "deve ser" "seja". De modo que ~~o~~ a comissão julgadora estabelece seus próprios valores em "meta-valores": valores que julgam valores.

Os eventos relatados, (triados por crivo de valores), são estes: Havia dois campos em Beirut, que abrigavam população mais ou menos indefesa, e grupos armados. Tais grupos eram armados com o propósito de destruir o Estado de Israel e outros Estados, (por exemplo o italiano). Em torno dos campos havia exército israeli. Armado com o propósito de destruir a gente armada nos campos. E havia tropas libanezas. Armadas com propósito idêntico, e motivadas contra a população mais ou menos indefesa dos campos. O exército israeli abriu caminho as tropas libanezas para invadirem os campos. Na luta que se seguiu centenas de pessoas indefesas foram mortas. O comando israeli, (e membros do governo israeli), sabiam da matança. E intervieram com grande atraso para por fim a ela.

A comissão passa a julgar os motivos do comando e do governo israeli. Nos os eventos relatados permitem distinguir outros motivos em jogo. Estes:

(1) "População dos campos": Gente miserável, joguete de decisões alheias, sobretudo das tomadas por seus pretensos líderes: anciões expulsos dos seus lares há dezenas de anos, mulheres famintas e fanatizadas, crianças armadas de metralhadoras. Seus motivos: sobreviver em situação sem perspectiva. Seu juízo: estamos sendo trucidados por agentes do sionismo e do imperialismo, (termos estes que significam poderes míticos para-divinos).

(2) "Grupos armados nos campos": Adolescentes indocinados por amálgama vulgarizado de marxismo, islamismo, nacionalismo e antisemitismo: desesperados. Seus motivos: defender suas famílias e os valores de sua ideologia. Seu juízo: Enquanto estamos lutando desesperadamente por nossa causa, que é também a causa do povo árabe em geral, os nossos "irmãos árabes" estão nos abandonando.

(3) "Tropas libanezas": Adolescentes indocinados por amálgama vulgarizado de nacionalismo, cristianismo e ocidentalismo: frustrados. Seus motivos: eliminar a influência corrosiva exercido sobre sua sociedade pela presença dos palestinos. Seu juízo: Enquanto estamos lutando nos campos em defesa dos valores do Ocidente, que são também os de Israel, o exército israeli se abstém covardemente, para depois poder inculpar-nos hipocriticamente das mortes inevitáveis.

(4) "Soldados israeli": Adolescentes portadores de ideologias divergentes, mas participantes de consenso nacionalista e de um judaísmo mal definido: impacientes. Seus motivos: voltar o mais depressa possível para os seus afazeres e prazeres quotidianos, sem por isto deixar de cumprir as ordens recebidas. Seu juízo: dada a complexidade do evento, melhor e provisoriamente suspender juízo.

(5) "Comando e governo israeli": Tecnocratas e politicos informados por guerras precedentes a esta, e portadores da heranca de Auschwitz. Seus motivos: evitar que Auschwitz se repita sob forma de massacre da populacao judia em Israel. Seu juizo: Os grupos armados nos campos precisam ser eliminados. Isto implica morte de soldados judeus. Os grupos se escondem por entre a populacao dos campos. Isto implica matanca de tal gente. Solucao tecnica do problema: Fazer com que as tropas libanezas se encarreguem da tarefa. Solucao elegante: poppanca de vidas judias, e limitacao das mortes inevitaveis na populacao, ja que as tropas libanezas podem ser reiradas depois, e somente depois, de terem eliminado os grupos armados.

Esta lista de motivos e valores, (a qual passou pelo crivo dos valores de quem a relata), permite ver que a pretensao da comissao a possuir "meta-valores" nao se sustenta. Ja que o proprio juizo da comissao pode ser julgado pelos valores dos atores envolvidos nos eventos. Desta forma: (1) A comissao minimiza a culpa dos instigadores dos assassinatos, e se solidariza parcialmente com seus motivos. (2) A comissao nao passa de estratagema do sionismo e do imperialismo. (3) A comissao sustenta hipocriticamente a culpabilidade dos lutadores libanezes. (4) A comissao nao aponta solucao alternativa da situacao israeli de guerra permanente. (5) A comissao e ingenua, a ponto de ser politica- e militarmente irresponsavel. Destarte, todo sistema de valores envolvido no evento pode estabelecer-se em "meta-valor" dos demais sistemas envolvidos, e em "meta-valor" do pretensao "meta-valor" da comissao julgadora. A hierarquia dos valores e reversivel. Os proprios valores implicitos nestas reflexoes, que se querem "meta-meta-valores", podem passar a serem julgados pelo crivo dos valores que esta julgando.

Será que isto nos condena a admitirmos a equivalencia de todos os valores? E a admitirmos que os eventos, (o "real"), sao inacessiveis, ja que nos advem necessariamente pelo crivo de varios valores equivalentes? Sera que isto nos condena a assumirmos a posicao olimpica de Poncio Pilato? De forma alguma. Disposmos de um criterio que nos permite ordenar os valores. Valores sao modelos para captar eventos e para motivar acoes sobre eventos. Um valor e tanto mais "valido", quanto melhor capta determinado evento. E podemos saber se determinado valor captou ou nao determinado evento, porque o evento está lá, cabecudo, e pode ser vivenciado. No caso: gente morreu nos campos.

Pois segundo tal criterio os valores da comissao sao mais "validos" relativamente aos demais valores envolvidos. O relato dos eventos que produzem é mais verossimil, menos improvavel, que os relatos produzidos pelos demais valores. De modo que, provavelmente, os valores da comissao sao preferiveis aos demais tambem enquanto modelos de comportamento. Os valores da comissao sao estes:

(6) Juristas, inspirados pelo judaismo. Seus motivos: preservar a judaicidade do Estado sob a luz do direito. Seu juizo: O comando e o governo sacrificou valores altos, (nao mataras), a valores subalternos, (direito de sobrevivencia), e o fez por omissao, (fuda a responsabilidade). Isto pode ser desculpavel em comandos e governos nao-judeus em guerra. Em governo e comando judeu isto é indisculpavel, por serem os judeus vitimas de precisamente este tipo de omissao por parte de "autoridades estabelecidas", (exemplo: pogroms).

Dizer que os valores da comissao sao provavelmente mais "validos" que os demais envolvidos nao significa aderir a eles. Mas permite, isto sim, certo recuo com relacao ao evento e aos valores a ele aplicados. A comissao julga que nao se deve julgar judeus como se julga nao-judeus, que judeus devem ser julgados com maior severidade. Nisto esta implicito um valor do proprio judaismo. E, curiosamente, ha consenso geral implicito quanto a isto no resto da sociedade. Judeus esta de fato sendo julgados mais severamente. Eventos comparaveis aos dos campos ocorreram no passado e simultaneamente, sem terem sido julgados com a mesma severidade. Em outros termos: Judeus e nao-judeus esperam de judeus comportamento mais "valido" que dos nao-judeus. E perfeitamente licito objetar-se que tal esperanca e "discriminatoria" e "falsa": "discriminatoria", porque discrimina contra ou em favor de judeus, e "falsa" porque os judeus de fato nao se comportam de maneira significativamente diferente dos outros. Mas trata-se de esperanca que fundamenta tanto o judaismo quanto o Estado judeu.

O que esta em causa, pois, no evento relatado e nos valores nele implicados sao dois fatores distintos: gente morta e os valores fundamentais do judaismo. Quanto a gente morta, nada resta a fazer a nao ser chora-la, e esperar que justica seja feita, nao tanto por vinganca, mas preventivamente. Mas quanto aos valores fundamentais judeus, e possivel dizer-se que estes se manifestaram de fato no evento: nao, por certo, pela acao do exercito e do governo, mas pela comissao julgadora. De fato: tal tipo de auto-critica nao era de ser esperado em eventos comparaveis. O que justifica certa esperanca na nao-repeticao do evento.

Mas dizer isto nao e aderir aos valores da comissao: e procurar torna-los um pouco mais "validos" ainda. Porque auto-critica "coletiva" pouco adianta. O que conta e auto-critica existencial, critica dos proprios valores. Que teria feito eu se estivesse estado la, nos campos, nao importa de que "lado"? Que "deveria" ter feito? Que fiz para que o evento nao se desse? E que estou fazendo agora para que nao se repetisse? O conflito de valores, tornado evidente no evento, e o questionamento dos valores fundamentais judeus, provocado pelo evento, convida a critica dos meus proprios valores. Por certo: tal critica nao e garantia que valores mais validos serao de fato descobertos ou elaborados. Mas duvidar dos proprios valores ja nao e atitude a ser desprezada. Esta me parece a licao a ser tirada do relato da comissao de inquerito publicado hoje.